



O MERCADO QUE NÃO É PÚBLICO

Às 4h, três horas e meia antes de as portas se abrirem, os primeiros funcionários já começam a chegar nas 110 bancas do Mercado Público de Porto Alegre

TEXTO **DANIELA BITTENCOURT**
FOTOS **FERNANDA BERNARDES**

É em um mundo de cheiros e cores que permanecem intactos 140 anos de história. Lá, experiências de vida se cruzam, personagens se encontram e parte da cultura porto-alegrense se mantém preservada. No centro da capital gaúcha, entre as avenidas Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros, a Praça Pereira Parobé e o Largo Glênio Peres, está localizado o Mercado Público de Porto Alegre. O lugar é parte do patrimônio histórico e cultural da cidade e, como um espectador da vida cotidiana, recebe mais de 150 mil visitantes por dia, entre os que fazem compras em um dos 110 estabelecimentos e os que utilizam as calçadas como passagem para chegar ao seu destino. Entre peixes e frutos do mar, verduras e legumes, produtos regionais e especiarias, a vida se dá no Mercado Público: "Isso aqui é quase uma cidade à parte, a cultura do Mercado é única", define Mário Angelo Pedron, 55 anos, responsável pela fiscalização do local.

Desde a sua construção, em 1869, o espaço passou por reformas, mudanças, três incêndios e uma enchente. Quando o prédio foi inaugurado, com o objetivo de abrigar o comércio de abastecimento da cidade, a estrutura previa a circulação de carroças. Para acompanhar o crescimento da cidade e da demanda de público, adaptações foram necessárias. Em 1991, teve início uma grande reforma, que durou até 1997, com a reinauguração de um mercado mais moderno, com escadas rolantes, praça de alimentação no segundo piso, cobertura e sistema de gás centralizado. A bela arquitetura original, porém, foi mantida.

A maioria das bancas do Mercado Público passou de pai

para filho, de avô para neto, criando laços tão fortes que resistem aos anos e às mudanças de mercado. Fortunato Garcia Machado, 39 anos, atual presidente da Associação do Comércio do Mercado Público de Porto Alegre e dono de uma banca de revistas, é parte dessa história há 30 anos. Como grande parte dos funcionários, começou a trabalhar com o pai, no Mercado. "Essa é nossa família e nossa vida, mais do que em casa", afirma. Os anos de dedicação se estendem também aos fregueses. Atendentes e clientes conversam como velhos amigos em uma relação que não é apenas comercial. "O Mercado faz as pessoas conviverem, se conhecerem, interagirem. Aqui, se tu és frequentador, qualquer atendente te conhece, ou pelo teu time, ou pela tua religião, ou pelo teu partido político, sem contar que ele sabe os teus gostos. A pessoa não vem só para comprar o produto."

O comerciante Cláudio Klein, 58 anos, começou ainda guri, varrendo o chão e limpando prateleiras na Banca 43, conhecida pela venda de especiarias e por ser uma das mais antigas do Mercado. Hoje é dono do estabelecimento onde cresceu e, através da experiência adquirida, cativa novos e antigos clientes. Conhece diferentes gerações da mesma família. "Tem menina que vi pequeninha, hoje já é mãe, tem filha, tem neto. São mais do que clientes, se tornaram amigos da casa. Isso é gratificante", garante. As palavras saem emocionadas quando relembra a dificuldade que passou para conquistar seus sonhos. Aliando o trabalho ao estudo, acordava às 5h da manhã para, uma hora depois, estar no emprego. À noite, saía para a aula e só às 23h retornava para casa. "Era uma rotina árdua, que não



tinha flexibilidade, mas graças a isso conquistei tudo aquilo que tive como meta”, conta. Formou-se em administração, casou, teve filhos que puderam estudar e hoje continua, diariamente, trabalhando no lugar que considera parte da sua vida.

Vidas que não se vê

É também com carinho que Sandro Moreti, 27 anos, fala do Mercado Público. Trabalhando no local há mais de dois anos, ele vive uma rotina diferente da maioria dos colaboradores – como são chamados os funcionários – e dos permissionários – os donos das bancas. Quando despontam os primeiros raios de sol, o jovem sabe que seu turno de trabalho está chegando ao fim. Acompanhado de outros dois colegas, é um dos vigilantes noturnos responsáveis pela abertura e fechamento do prédio. Durante a madrugada, por volta das 4h, quando começam a chegar os primeiros funcionários das bancas, Sandro já passou da metade de seu expediente. Cerca de uma hora e meia depois, os primeiros produtos, como carnes e peixes, começam a ser descarregados no Mercado. O movimento aumenta com a chegada do restante dos trabalhadores, mas as portas só são abertas para o público às 7h30min. O final da jornada leva Sandro e seus colegas à sala da coordenação, no segundo piso, onde, com café preto, comentam e repassam aos vigilantes do próximo turno os detalhes e serviços da noite anterior.

O trabalho só se repetirá às 20h, quando o Mercado encerra suas atividades e o vigilante inicia sua jornada. A primeira tarefa de Sandro é auxiliar no fechamento das portas do prédio, deixando aberto apenas o portão do Largo Glênio Peres, que permite o acesso do público à praça de alimentação, no segundo andar. A partir das 23h, esse portão é fecha-

do. “Não entra mais ninguém. Por isso, lá pelas 23h20min, começo a apagar as luzes, e o povo sabe que está fechando”, explica. Durante a madrugada, todo o barulho que se ouve vem da rua. Para passar o tempo dentro do prédio vazio, o jeito é caminhar, conversar ou ouvir rádio. Apesar da calma, os vigilantes sempre ficam atentos aos movimentos no entorno do local. “Não queremos bancar o herói, mas quando é necessário, intervimos. O bom é que sempre tivemos o apoio do posto da Brigada, que fica aqui perto”, afirma, finalizando: “Eu gosto muito de trabalhar aqui”.

A satisfação parece ser comum entre os colaboradores do Mercado. Apesar da jornada trabalhosa, Juraci Mendes Pereira, 49 anos, diz que ama o lugar e acha que nunca foi tão feliz. Segurando vassoura e esfregão, seus instrumentos de trabalho, a mulher de olhar simpático conta que, há quase dois anos, saiu da casa de família onde trabalhava para aceitar um emprego no Mercado Público. Das 8h às 20h, com intervalo para o almoço, ela é encarregada de manter limpos e organizados dois banheiros femininos abertos ao público. Membro da cooperativa responsável pela limpeza do prédio, conta das dificuldades da sua função. “As pessoas não respeitam o trabalho da gente. Eu limpo aqui, saio e limpo o outro banheiro. Quando volto aqui já está horrível de novo. As pessoas colocam papel no chão, passam coisas na parede, sujam tudo.” Muitas não aceitam pagar os 30 centavos, taxa cobrada pelo uso dos sanitários. Para Juraci, esse valor é muito baixo, já que o serviço oferece papel higiênico e papel-toalha e é grande o gasto com produtos de limpeza. Ela acha que, se o preço do serviço aumentasse, seu trabalho também seria mais valorizado: “Iriam entrar aquelas pessoas que realmente estão apertadas, que necessitam do banheiro, que não



Durante a madrugada, o vigilante Sandro é uma das poucas pessoas a circular pelo mercado



querem só fazer maldade”, acredita. Mesmo assim, a alegria com o emprego é grande, principalmente quando sua dedicação é reconhecida. O capricho, que é sua marca registrada, já lhe rendeu boas gorjetas, como na vez em que ganhou R\$ 20,00 de uma cliente, pelo trabalho bem-feito. Mas, além do dinheiro, existe algo que, para Juraci, também é gratificante. “O carinho das pessoas vale muito”, completa.

Caminhos do Mercado

Além das histórias pessoais, o Mercado Público também é espaço de cultura e preservação. Atualmente, diversas manifestações artísticas, como peças de teatro, acontecem no mercado. Encontros e práticas das religiões afro também são

uma tradição do local. Esses rituais costumam acontecer bem no centro do mercado, onde, acredita-se, estaria localizado o orixá Bará, entidade responsável pela abertura dos caminhos e pela fartura. Quem conta essa história é Leonel de Paoli, 63 anos, permissionário da primeira flora (loja especializada em artigos de religião afro) fundada no Mercado, a Banca Banadeira: “Pela história de que temos conhecimento, o prédio foi construído pelos portugueses, mas quem trabalhou de fato foram os negros. Durante a obra, um dos escravos faleceu e diz-se que foi enterrado no centro do mercado, por isso a tradição.” Se a lenda é ou não verdadeira, não há comprovação. Mas que os caminhos do Mercado sempre farão parte da história gaúcha, não resta dúvidas.

IMPRESSÃO DE REPÓRTER

Desde quando conheci a revista **Primeira Impressão**, esperava com ansiedade pela disciplina e pela oportunidade de apresentar uma grande reportagem mais aprofundada. Talvez também por isso não tenha sido difícil o processo de produção da revista. É claro, foi trabalhoso. A escolha do tema, por exemplo, foi o momento de unir ideias divergentes em um assunto que interessasse aos repórteres e aos leitores e que fosse, ao mesmo tempo, criativo. Decidimos por bastidores. Essa possibilidade de transitar entre mundos distintos

é uma das mágicas da profissão. A mim, coube a pauta sobre o Mercado Público. Muitas vezes já havia ido lá, mas não com olhos de repórter. Guiada pelo fiscal Mário Pedron, conheci lugares que nem imaginava. Uma das entrevistas foi às 7h, quando os vigilantes noturnos deixam seu posto e abrem o mercado ao público. Conheci a câmara fria. Aprendi a lenda do Bará. Mas o mais interessante foram as histórias de pessoas que não vemos, mas que, com seu trabalho, são fundamentais para manter o Mercado funcionando.